

Adi Oasis confirma shows no Rio e em SP em abril

PÁGINA 3



Amos Gitai convida Berlinale a pensar Israel

PÁGINA 5



'No Corre', com Marco Luque, vai para a TV aberta

PÁGINA 7



2° CADERNO

Marluci Martins/Divulgação



Moacyr Luz comanda há 18 anos, às segundas-feiras, o Samba do Trabalhador, a mais badalada roda de samba da cidade

Moacyr Luz lembra como compôs sucessos para Beth Carvalho e Fafá de Belém

O filho de 'uma conjunção espiritual galáctica'

Por Camila Zarur (Folhapress)

Moacyr Luz classifica o Cacique de Ramos como “uma conjunção espiritual galáctica”. O espaço, no bairro de Olaria, é berço de alguns dos principais nomes do samba, como Fundo de Quintal, Arlindo Cruz, Jorge Aragão,

Almir Guineto e Zeca Pagodinho. Quem levou o músico e compositor de 65 anos para lá foi ninguém menos do que Beth Carvalho, a madrinha do samba.

Na época, Moacyr tinha uma carreira musical mais puxada para a MPB. Mas ali, na Tamarineira, ele se encontrou. “Eu acredito numa conjunção espiritual galáctica. Acontece de estar todo mundo naquele mesmo lugar, com energia muito forte e aquilo vira um mo-

vimento”, diz ele. “Ali na Tamarineira, no Cacique de Ramos, era uma coisa impressionante. Aquilo era uma usina de música, né?”

Hoje, mais de três décadas depois, Moacyr se consagra como bastião do gênero e líder da principal roda de samba do Rio - o Samba do Trabalhador, que há 18 anos movimenta o clube Renascença, no Andaraí, toda segunda-feira. **Continua na página seguinte**

Leo Aversa/Divulgação



Moacyr Luz conta que convocou Aldir Blanc e Paulo César Pinheiro para refazer a letra de 'Saudades da Guanabara' a pedido de Beth Carvalho, que não gostava da letra original: 'Com uma letra melhor, ela gravaria'

'Tudo que fiz já foi. Tenho que continuar fazendo'

Ao longo da carreira, o sexagenário já teve mais de uma centena de composições gravadas por nomes como Gilberto Gil, Maria Bethânia, Nana Caymmi e João Bosco. Mas foi em 1989 que duas músicas mudaram seu patamar como compositor e músico.

A primeira foi "Coração do Agreste", tema da novela "Tietê", cantada por Fafá de Belém. Até então, ele conta, sua vida era escolher comprar um pão ou pegar um ônibus. O sucesso rendeu alguns milhares de dólares na época, pagos em dinheiro vivo pela gravadora, que foram espalhados pela cama de Moacyr, no apartamento que dividia com a mãe, na Tijuca. "Ela entrou no quarto, e eu só pude falar: 'estou rico'."

A segunda foi "Saudades da Guanabara", feita a pedido de Beth Carvalho, que deu nome ao álbum da madrinha. Foi a partir daí, ele conta, que se doou de corpo e alma

ao samba. A letra, quando Beth ouviu pela primeira vez, era diferente da versão que se consagraou. Não era do agrado da cantora.

"A música já existia, tinha feito em 1985, e Beth um dia me confidenciou que gostava da música, mas não da letra. Com uma letra melhor, ela gravaria. Ela falou para mim, cheio de cuidado: 'Olha, você é brilhante, é maravilhoso, mas a letra é uma merda'", conta Moacyr, aos risos.

O músico diz que refez a letra em uma madrugada, ao lado de Paulo César Pinheiro e Aldir Blanc. O trio estava reunido no apartamento de Moacyr na Tijuca, na Rua Garibaldi. Aldir era seu vizinho do andar de cima.

"Aldir não descia nem se dissesse que Deus estava no primeiro andar. Mas era Paulinho Pinheiro, por quem ele tinha uma admiração grande", conta. "A gente ficou tomando umas cervejas, e eu comentei sobre o pedido de Beth."

derrotados nas disputas internas das escolas.

"Chico Buarque me perguntou qual a sensação de ter um samba cantado na avenida. Eu falei 'Chico, pelo amor de Deus, bicho, você tem todas as sensações do mundo'. Essa coisa de entrar pela avenida, passar pelo setor um e ser reconhecido, isso mexe muito comigo."

Moa, como ele é chamado pelos mais próximos, diz que está construindo o seu legado e que, apesar de reconhecer já ter feito muita coisa, quer fazer mais. Vive, em suas palavras, uma angústia de letrista. "Tudo que fiz já foi. Tenho que continuar fazendo e não me preocupar com o que passou. Agora, falta fazer tudo", diz ele.

"Tive uma crise de ansiedade esses dias. Minha mulher estava me ajudando a respirar melhor, e aí Augusto Martins me mandou uma música de João Donato sem letra. Falei 'caramba, a angústia de um lado, e o letrista de outro'. Fiquei até de manhã fazendo a música."

A alta produtividade pode estar ligada ao avanço da idade. Aos 65 anos, o músico já enfrentou problemas de saúde que o obrigaram a fazer pequenas pausas.

No ano passado, ficou uma semana internado na UTI para tratar uma insuficiência respiratória. Foi um susto para os parceiros de roda e aos fãs - embora todos soubessem que, na semana anterior, ele havia fugido do hospital, depois de ter recebido o diagnóstico de pneumonia.

Moa diz que não tem medo de morrer, mas sim de hospital. O temor, afirma, vem dos casos de seus amigos. Beth morreu em abril de 2019, após meses internada. Aldir Blanc morreu de Covid em maio de 2020, em um hospital público do Rio, já que não tinha plano de saúde.

Há ainda Arlindo Cruz, que vive com sequelas graves de um AVC que sofreu em 2017 e precisa de cuidado em tempo integral. "A pior coisa que já vivi, e não tem nada parecido, foi o CTI. Prefiro a morte", diz Moacyr, que já enfrentou um câncer de próstata e vive com Parkinson desde 2008.

Mas o tom dramático do músico passa longe de ser uma vontade. Faz parte, na verdade, de seu senso de humor ácido. A ideia de Moa é continuar trabalhando e produzindo até o final da vida, que espera não chegar tão cedo.

"Acredito que vou ficar pelo conjunto da obra. As pessoas vão começar a procurar pelo Moacyr Luz e falar 'Carvalho, essa música é dele? Como pode, esse cara é louco'."

"O meu prazo de validade já foi", diz, aos risos, para logo se corrigir. "Espero viver mais 200 anos. Mas, se viver só mais um, está bom".

Foi assim que surgiram os versos imortalizados pela voz da madrinha, que diz ao Brasil que "tua cara ainda é o Rio de Janeiro". "O disco dela já estava pronto. Ela chamou Renato Corrêa, seu produtor, e incluímos a música no último minuto. Ainda foi o título do disco. Aquele chapéu que tem na capa era lá de casa", relembra Moacyr.

Desde a pandemia, o compositor decidiu entrar em um ritmo acelerado de produção. Só no último ano fez um EP com Paulo Malaguti, "Luz & Pauleira", lançou um álbum com Pierre Aderne, "Mapa dos Rios", e se prepara para lançar mais um disco do Samba do Trabalhador, ainda sem data prevista.

Além disso, nos últimos quatro Carnavais, assinou ao menos cinco sambas-enredo que tocaram na Sapucaí pelo grupo especial-quatro pelo Paraíso do Tuiuti e um pela Mangueira. O número, porém, não leva em conta os muitos sambas que fez e que acabaram

O saque perfeito de Adi Oasis

Cantora franco-caribenha fará shows no Rio e SP em abril e lança single sobre a tenista Serena Williams

Aclamada por sua fusão única de soul, funk e R&B, a artista franco-caribenha Adi Oasis anuncia dois shows no Brasil e o lançamento de uma versão deluxe do álbum “Lotus Glow” (2023), capitaneado por uma nova versão do single “Serena” com participação do britânico Samm Henshaw.

Inspirada na lendária tenista Serena Williams, a canção, diz Adi

Oasis, é uma homenagem poderosa à resiliência e graça das mulheres negras, refletindo a profundidade e a relevância das narrativas da cantora. “Estou muito orgulhosa de ter uma música sobre Serena Williams no meu álbum. Ela é uma das minhas heroínas de todos os tempos e uma das figuras mais importantes da nossa época. E como meu álbum fala muito sobre ser uma mulher negra e os desafios que enfrentamos, eu queria homenagear Serena



Divulgação

Adi Oasis: ‘Serena abriu caminhos para meninas negras’

como uma mulher negra graciosa e resiliente”, comenta.

De acordo com Adi Oasis, a atleta ultrapassou limites e quebrou barreiras raciais. “Serena pagou um preço alto por isso às vezes, mas superou e mostrou a todos quem ela

é, abrindo caminho para mais meninas negras com grandes sonhos”, completa a artista.

“Lotus Glow” representa a evolução de Adi, refletindo mudanças pessoais e musicais: “Esse álbum representa minha história, e agora

sou a artista que sempre quis ser, fazendo a música que sempre quis fazer. Ainda tenho muito a aprender, mas me apropriei da minha jornada artística e quis compartilhar minha história”, conta ela.

Com participação de nomes como Kirby (que compôs faixas para Rihanna e Ariana Grande), Leven Kali (que colaborou recentemente com Beyoncé), a artista de R&B Jamila Woods e o fenômeno do neo-soul britânico Aaron Taylor, o álbum já acumula mais de 30 milhões de streams globais.

Pela primeira vez no Brasil como artista solo, Adi irá desembarcar em São Paulo no dia 11 de abril, na Audio, ao lado de Alfa Mist; e também será atração principal do Queremos! Festival, no dia 13, no Rio.

Nas duas apresentações, o público poderá conferir ao vivo a energia magnética das performances da cantora e baixista, que já se apresentou ao lado de nomes como Lenny Kravitz, Gregory Porter, Masego, Chet Faker, Keyshia Cole e Anderson Paak.

NA RIBALTA

POR CLÁUDIA CHAVES

Momento especial

Laufey vem cada vez mais se consolidando como um fenômeno: após conquistar a geração Z com sua mistura singular de jazz, música clássica e sensibilidade pop e quebrar recordes nas plataformas de streaming, a artista islandesa-chinesa foi premiada com o Grammy de Melhor Álbum de Pop Tradicional por “Bewitched”. Para celebrar esse momento especial na carreira, Laufey lançou em seu canal do YouTube uma versão ao vivo de “Valentine” gravada em apresentação da cantora em Manilla, nas Filipinas.

Gemma Warren/Divulgação



Divulgação

Releitura de clássico

Originalmente lançada em 1926 por Irving Berlin, “Blue Skies” ganha nova versão interpretada por Lana Del Rey (foto). A canção faz parte da trilha sonora oficial de “The New Look”, nova série da Apple TV+, que é estrelada por Ben Mendelsohn, Maisie Williams e John Malkovich. Sua trilha sonora é produzida pelo aclamado escritor e produtor Jack Antonoff e apresenta faixas de The 1975, Lana Del Rey, Nick Cave e outros. Lana e Antonoff são colaboradores de longa data, incluindo o álbum mais recente da artista, “Did You Know That There’s a Tunnel Under Ocean Blvd”.



Uly Nogueira

Funkeando no verão

Ana Lua e a Funkalizaçãõ lança “É Verão”, single funk-soul-psicodélico com referência clássico “Summertime” e ao hit “Tá Tranquilo, Tá Favorável” do MC Bin Laden, além de um sample de Marcos Valle. “É uma versão moderna em português do Jazz clássico ‘Summertime’ interpretado por grandes nomes da música desde 1935. Utilizando expressões da cultura pop brasileira, atualizamos as configurações temporais entre gerações”, diz a cantora, compositora e produtora multimídia. O projeto foi criado para ser um espaço de experimentação sonora com referências grooveadas.

CORREIO CULTURAL

Divulgação



Paul, Ringo e famílias de John e George apóiam projeto

Integrantes dos Beatles terão quatro filmes biográficos

Os quatro integrantes dos Beatles vão ganhar filmes separados sobre suas vidas e carreiras, de acordo com informação divulgada nesta terça (20) pelo site Deadline. O diretor de todos será Sam Mendes, cineasta de “1917” e “Beleza Americana”.

Esta é a primeira vez que Paul McCartney e Ringo Starr (os Beatles ainda vivos)

e as famílias de John Lennon e George Harrison abrem suas histórias de vida e direitos musicais para o roteiro de um filme.

As obras serão interconectadas, contando a história da banda mais famosa do pop a partir de quatro pontos de vista distintos.

A data de estreia dos filmes está prevista para 2027.

Oficina

Para fechar fevereiro, o jornalista, escritor, roteirista e artista visual Elias Fajardo ministra pelo Instituto Estação das Letras a oficina on-line Produzindo seu livro de ficção com vistas à publicação, a partir desta quinta-feira (22).

Cultura italiana

O Consulado Geral da Itália no Rio, o Instituto Italiano de Cultura do Rio e o Instituto Europeu de Design se reuniram em prol da criação do “Polo Cultural Italiano Rio – arte, design e inovação”, que abre para o público nesta quinta-feira (22).

Parintins no Sul

O Festival de Curitiba anunciou como atração de abertura “Caprichoso e Garantido: O Duelo da Amazônia”, que traz pela primeira vez ao Sul do Brasil um dos principais patrimônios culturais do país: a competição da tradicional festa do Boi Bumbá.

Acidente

Russell Crowe contou que fraturou as pernas durante as filmagens de “Robin Hood” (2010). “Pulei de uma ponte levadiça. Deveríamos ter preparado o terreno e enterrado um colchonete, mas estávamos com pressa para fazer a cena”.



Marcos Caruso e Eliane Giardini vivem um casal sessentão entre idas e vindas

Cumplicidade a toda prova

Montagem de ‘Intimidade Indecente’ chega à sua última semana de temporada no Teatro Riachuelo

Entrosadíssimos em cena, Marcos Caruso e Eliane Giardini podem ser vistos no espetáculo “Intimidade Indecente”, que chega à sua última semana no Teatro Riachuelo. A peça conta a história de um casal que se separa aos 60 anos, mas segue se reencontrando vida afora, e ainda reconhecendo um no outro o seu maior cúmplice.

Mariano (Caruso) e Roberta (Eliane) formam um casal sessentão desgastado pela mesmice da rotina. O desejo esfriou, o sexo falta e a implicância mútua

sobra. Ávidos por novas experiências, entendem que não há mais razão para ficarem juntos. Acontece que, como num efeito bumerangue, a vida insiste em devolver um ao outro.

É nessas idas e vindas que, aos poucos, os dois descobrem-se os maiores cúmplices. O sentimento, ainda vivo e sólido, faz com que se entendam mais do que com qualquer outra pessoa de fora. Assim, conforme os anos vão passando, resistem cada vez menos à presença do outro em sua vida novamente.

Na cena, apenas um grande

sofá ocupa o palco. Não há trocas de roupa ou cenário. Dispensando artificios, os dois atores constroem o envelhecimento de seus personagens se valendo basicamente do trabalho de interpretação. “O envelhecimento dos 60 aos 90 anos sem utilizarmos maquiagem, troca de figurino e sem sairmos de cena, essa passagem do tempo à vista do público, com mudança física e vocal, é o que mais fascina o espectador”, conta Caruso.

SERVIÇO

INTIMIDADE INDECENTE
Teatro Riachuelo Rio (Rua do Passeio 38 – Centro)
Até domingo, sábado (20h) e domingo (18h)
Ingressos entre R\$ 19,50 (meia) e R\$ 120

ENTREVISTA / AMOS GITAI, CINEASTA

'Modernidade é ruptura'

Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

Sou provocadora a decisão da 74ª Berlimale de escalar um filme inédito do mais famoso (e combativo) realizador de Israel, Amos Gitai, para sua programação, no auge do conflito entre a pátria dele e a Palestina e aquecida com as críticas do presidente Luiz Inácio da Silva ao governo israelense, a quem acusou de genocídio.

Mas a provocação foi bem-vinda, sobretudo por sua força poética e pelo desempenho arrebatador de Irène Jacob na fragmentada narrativa de "Shikun". Com base num diálogo com a peça teatral "O Rinoceronte" (1959), de Eugène Ionesco (1909-1994), o realizador de "Kedma" (2002) e "Kadosh - Laços Sagrados" (1999) propõe a desconstrução das certezas políticas do presente. A trama acompanha situações absurdas de 20 personagens num prédio israelense. Na entrevista a seguir, o cineasta de 73 anos explica o que encontrou lá.



Divulgação

Amos Gitai, o realizador israelense de 73 anos, volta às telas com 'Shikun'

Que lugar um filme como "Shikun", vindo de Israel, ocupa num contexto de guerra?

AMOS GITAI: Eu rodei "O Dia do perdão", sobre a Guerra do Yom Kippur, quase 30 anos depois daquele conflito da década de 1970, e entendi, a partir dele o quanto a arte pode encontrar seu tempo. A

arte não muda o mundo no momento que ela é gerada. "Guernica" não tirou Franco do poder quando saiu do atelê de Picasso, mas hoje é mais lembrada do que o legado ditatorial. Terminei "Shikun" antes da guerra. Ela chega agora a Berlim com a promessa de novas interpretações sobre o que passamos.

Como montar uma narrativa como a de "Shikun", que parece um quebra-cabeças?

A maneira com que James Joyce descreve Dublin em seus livros parece um puzzle, quebrando com as convenções descritivas que existiam na literatura antes dele. É a prova de que a modernidade é ruptura. Picas-

so colaborou com isso quebrando a anatomia para além do que as impressões impõem. O cinema veio na sequência, com Chantal Akerman, com Roberto Rossellini, com Jen-Luc Godard, com Abbas Kiarostami, para desafiar as justaposições. Esses gestos da arte desafiam a ditadura capitalista da fórmula formatada. Como "Shikun" passa por um olhar moderno, o olhar de Eugène Ionesco, eu precisava desafiar a ideia de unidade na composição de imagens.

O que Ionesco aponta como caminho para o seu cinema?

O teatro dele é um espaço de desterritorialização. Neste momento em que (o primeiro-ministro Benjamin) Netanyahu pode destruir a Israel que conhecemos, um autor que me oferece a desobediência me ajuda a falar de pessoas descolocadas na realidade.

Como se processa seu trabalho com atrizes como Irène Jacob nessa estratégia de "desobediência"?

Costumo pedir aos elencos com que trabalho que interpretem o que pretendemos contar sem agirem como robôs interessados apenas no tapete vermelho da fama. E Irène é muito propositiva nesse aspecto.

AL se destaca na briga pelo Urso de Ouro

Exercício híbrido de documentário e fantasia, 'Pepe' é bem visto em Berlim

Só se fala do México em toda a extensão da disputa pelo Urso de Ouro de 2024, que vai conhecer o último de seus 20 concorrentes ("Shambaala", do Nepal) nesta quieta, ainda sob o impacto de "La Cocina", de

Alonso Ruizpalacios. O calvário em P&B de um cozinheiro hispânico (Raúl Briones) dividiu várias opiniões na Alemanha, mas solidificou o prestígio do mexicano Alonso Ruizpalacios como realizador.



Divulgação

O hipopótamo de 'Pepe'

A Pangeia latina também se faz notar em solo germânico com "Pepe", um exótico exercí-

cio híbrido de documentário, fantasia e tratado ecológico cujo protagonista é um hipo-

pótamo. Apesar de alongar-se em demasia por 122 minutos sem aparas, a produção parte de uma premissa inusitada, dando voz ao animal supracitado para falar do deslocamento de criaturas da selva para metrópoles distantes, por pura vaidade de colecionadores.

Noutras latitudes do festival, o Brasil pode levar sair daqui com prêmios. Inquieto na forma, o delicado "Cidade; Campo", da paulista Juliana Rojas, impressionou a seção Encontros com o desempenho maduro de Bruna Linzmeyer numa história bifurcada sobre mulheres que rearranjam suas vidas num tráfego para outras geografias. (R.F.)

Turquia em ‘autofricção’

Na fronteira entre a realidade bruta e a fabulação poética, filmes como ‘Faruk’ reinventam o legado do cinema turco no Festival de Berlim

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Agraciado com o Urso de Ouro da Berlinale em 1964, por “Verão Seco”, de Metin Erksan, e em 2010, por “Um Doce Olhar”, de Semih Kaplanoglu, o cinema turco volta a se destacar nas telas da maratona cinéfila alemã por outras vias, a mostra Pa-



Divulgação

‘Faruk’ é um retrato afetivo de um pai por sua filha, sob a direção de Asli Özge

norama, pelas vias de uma ficção com tintas documentais (também definido como um documentário com fabulações) chamado “Faruk”.

A direção é da cineasta Asli Özge, hoje radicada em solo alemão, mas egressa de uma Turquia em fase de gentrificação em sua estrutura arquitetônica citadina.

Na raia da autoficção, o painel de conflitos geracionais estruturado pela cineasta em Istambul parte de um exercício de observação, com ares fabulares, do dia a dia de seu pai, um nagenário que esbanja carisma. Mas suas atitudes por vezes conservadoras refletem incongruên-

cias culturais não só dele, mas de toda uma nação.

“No início do projeto, pensei em fazer um documentário, mas, além da distância imposta por eu viver na Alemanha, havia o problema de que eu não poderia controlar os diálogos do meu pai. Percebi ali que o cinema que me interessava

não era o do controle da vida, mas, pelo contrário, o do entendimento, construído pelas vias da ficção”, disse Asli Özge ao Correio da manhã, ao falar de sequências nas quais acompanha as digressões bem-humoradas de Faruk, sua figura paterna amorosa, ainda que rígida, em certas ocasiões.

“Na idade em que está, depois de chegar aos 90, ele tem todo o tempo do mundo. Ele passa a entender o passo das horas sob uma nova experimentação. É esse tempo, da liberdade, que me interessa”, comenta a realizadora.

Ainda no Panorama, a Turquia esbanja viço audiovisual na Berlinale com ‘Crossing’, de Lavan Akin, que abre um debate transfobia a partir da conexão ideológica o entre uma professora aposentada e uma advogada. Uma jovem trans une nas duas neste drama de montagem febril.

A Berlinale 2024 termina neste domingo, quando conhecerá os ganhadores dos prêmios do júri popular da Panorama. No sábado, serão conhecidas as escolhas do júri oficial, presidido pela atriz queniana Lupita Nyong’o.

Monastério da **experimentação**

Tsai Ming-liang leva ‘Abiding Nowhere’, sua mescla de cinema e video-arte, ao crivo da 74ª Berlinale

Celebrizado nos anos 1990 por “Vive L’Amour” (ganhador do Leão de Ouro de Veneza em 1994) e “O Buraco” (Prêmio da Crítica de Cannes em 1998), o cineasta malaio radicado em Taiwan Tsai Ming-liang hoje não se aventura mais por estruturas narrativas que não se alinhem a pesquisas formais.

Aos 66 anos, ele volta à Berlinale que consagrou seu recente “Dias” com o troféu queer Teddy para exibir “Abiding Nowhere”, projeto audiovisual anfíbio com um pulmão a respirar cinema e outro a expirar videoarte.

É um longa-metragem de

79 minutos rodado nos Estados Unidos com base num projeto on the road de essência metafísica do multiartista.

“Não sou mais jovem, percebo ser incapaz de ter a força para rodar certos planos que fazia no passado, mas sinto que meu interesse hoje se concentra em gestos que desindustrializem o cinema, ocupando a tela grande”, disse Tsai ao Correio da Manhã, meses antes de finalizar “Abiding Nowhere”, ao ser premiado com o Leopardo de Ouro Honorário do Festival de Locarno, na Suíça. “Existem muitos novos suportes de projeção e recepção de



Divulgação

‘Abiding Nowhere’, o novo experimento do diretor malaio Tsai Ming-liang

narrativas. A feitura de experiências em realidade virtual é um terreno que me mobiliza hoje. Mas o meu

foco é a sala de exibição.”

Um outro cult de sua carreira, “O Sabor da Melancia” (2005),

está em projeção no festival alemão, na Berlinale Classics, em cópia nova, num gesto de preservação de sua memória, que flutua por espaços metafísicos em “Abiding Nowhere”.

Muso do cineasta, Lee Kang-Sheng passa todo o tempo do novo filme de seu realizador cativo a tráfegar por Washington, a partir de um mergulho num rio, em área silvestre, onde imerge, emerge e flutua. Sua cabeça rapada e sua túnica rubra humilde lhe dão um perfil de monge. Sem palavras, atento ao esplendor da Natureza numa comunhão quase espiritual com ela, o sujeito entra na estação de trens, adentra uma igreja e passeia por um museu. Outro estranho (vivido por Anong Hounghueangsy) também se desloca pela cidade. Não sabemos se ele está ou não a seguir o caminhar, mas traça seu próprio trajeto, numa caminhada imbuída de um senso de autodescoberta. (R.F.)

Em busca do riso perdido

Sem atrações de humor há anos, Globo levará programa de Marco Luque à TV aberta

Por Gabriel Vaquer (Folhapress)

Na tentativa de ter mais programas de humor na sua programação, a Globo vai trazer mais atrações do gênero produzidas pelo Multishow para a programação de TV aberta.

Ainda neste primeiro semestre, a emissora vai exibir a primeira temporada de “No Corre”, sitcom protagonizada por Marco Luque e que foi ao ar no ano passado. O horário ainda não está definido e nem a data de estreia, mas a exibição deverá ser aos domingos.

A informação foi confirmada pela reportagem pelo Multishow. O canal de variedades da Globo na TV paga também confirma que o seriado terá uma segunda temporada, que



Divulgação Multishow

Marco Luque comanda elenco de ‘No Corre’, atração original da grade do Multishow

será produzida ainda neste ano.

A trama de “No Corre” se passa no bairro da Mooca, quando Jackson Faive (Marco Luque), chega ao ponto de encontro de alguns de motoboys e se junta a eles, dividindo parcerias, os perrengues e as situações mais hilárias vividas pelo grupo.

Além de Luque, o elenco do programa conta com diversos nomes famosos, como Gaby Amarantos, Érico Brás e Lúcio Mauro Filho.

A presença mais ilustre, porém, é a de Edgar Vivar, ator conhecido por ser o Seu Barriga no seriado “Chaves”, um clássico da TV mundial, exibido pelo SBT até 2020. Ele faz

parte do elenco fixo no papel de Seu Manolo, e falando um português perfeito.

Para 2024, a Globo tem a ideia de exibir mais atrações de humor feitas para a TV paga. A temporada de 2023 de “Vai que Cola”, por exemplo, também será mostrada em TV aberta neste ano.

Faturamento na marca do pênalti

Futebol masculino fora da Olimpíada de Paris preocupa a Globo

A Globo, em seus bastidores da área esportiva, admite preocupação com a ausência da seleção brasileira masculina de futebol nos Jogos Olímpicos de Paris, marcados para julho deste ano.

Com uma campanha sofrível no Pré-Olímpico, o Brasil não conseguiu nenhuma das duas vagas para o torneio, que ficaram com Argentina e Paraguai. A seleção feminina de futebol está confirmada.

Mesmo sem contar com suas principais estrelas, já que a seleção olímpica é composta por jogadores com menos de 23 anos em sua maioria, o futebol masculino era o responsá-



Brasil de Endrick teve campanha sofrível no torneio na Venezuela

vel pelos recordes de audiência do evento, o que elevava sua média final, algo importante para se vender aos patrocinadores e ao Comitê Olímpico Internacional (COI).

Nas últimas quatro edições, seja em transmissões de Globo ou da Record, jogos de futebol masculino foram os mais vistos. Brasil x Argentina, pela semifinal do torneio olím-

pico de futebol masculino de Pequim 2008, marcou 31 pontos de audiência na Grande São Paulo.

Já em 2012, com a final em que o Brasil perdeu do México, a Record conseguiu seu número máximo com Londres 2012, com 17 pontos de média e picos de 21 na capital paulista, contra apenas seis da Globo. Naquela edição, a emissora de Edir Macedo exibiu os Jogos com exclusividade na TV aberta.

Em 2016, a Globo obteve seu recorde na Olimpíada do Rio com a primeira medalha de ouro do futebol masculino brasileiro, na final contra a Alemanha. Foram impressionantes 38 pontos com picos de 43 na cidade paulistana.

Por fim, em Tóquio 2021, o bicampeonato do Brasil no futebol masculino contra a Espanha também conseguiu o recorde de uma transmissão de Olimpíada naquela edição, com 21 pontos com picos de 24. Atualmente, cada ponto de audiência equivale a 191 mil telespectadores.

A Globo já começou a avançar na preparação para a transmissão dos Jogos de Paris. O pacote comercial já está no mercado pu-

blicitário e negociações com patrocinadores avançadas.

Mesmo com uma provável arrecadação alta, a emissora não vai investir muito no envio de profissionais. Narradores e comentaristas, a grosso modo, vão ficar no Brasil. A Globo se inspira no que fez em 2021, na Olimpíada de Tóquio.

Naquele momento, com a Covid-19 em alta e a vacinação ainda no começo, a Globo enviou apenas repórteres e produtores para o Japão. Mesmo com uma doença controlada, a ideia é manter o esquema para este ano, com poucos nomes in loco.

Os Estúdios Globo serão usados para a montagem de uma grande central de transmissão, onde serão comandados programas do SporTV e a Central da Olimpíada, que será apresentado por Tadeu Schmidt na TV aberta, em uma volta especial para o esporte.

Na questão publicitária, a emissora pode arrecadar R\$ 400 milhões se vender todas as oportunidades comerciais. A empresa disponibilizou seis cotas para quem deseja participar da cobertura olímpica na TV aberta e nas plataformas digitais. (G. V.)

UM BOM JORNAL
TEM QUE SER **DIRETO**.

NÃO SER DE ESQUERDA
E NEM DE DIREITA
MAS, **DIREITO**.

É TER CORAGEM
DE INFORMAR
A VERDADE
E NÃO IMPOR
A SUA **VERDADE**.

É **RESPEITAR**
A INTELIGÊNCIA DO LEITOR
E VONTADE DO ELEITOR .

Correio da Manhã

Há 122 anos Direto e Direito



EM UMA BANCA PERTO DE VOCÊ

correiodamanha.com.br @correiodamanha